

A INEFICIÊNCIA DO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NO ÂMBITO DA ESCOLA PÚBLICA: UM OLHAR PARA OS LETRAMENTOS, BNCC E A ADOÇÃO DE PRÁTICAS DE METODOLOGIAS ATIVAS

Leila Thainá Fontoura BEZERRA¹
Faculdade Estácio
lele.fontoura@gmail.com

Cristiano Santos ARAUJO²
Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás
umcristiano@gmail.com

RESUMO: O objetivo principal deste trabalho é investigar de que maneira a adoção das práticas de Letramentos, Metodologias Ativas e os princípios da BNCC se coadunam e podem favorecer o alcance de um modelo mais eficiente do ensino-aprendizagem de Língua Inglesa. Face às ineficiências existentes, que vão desde a falta de dispositivos legislativos concretos e bem definidos, o descaso por parte dos alunos, dos gestores e da própria comunidade externa, e do próprio contexto escolar de modo geral, conjuntamente representam fatores que também dificultam o sucesso e a eficiência de tal ensino-aprendizagem. A metodologia utilizada para a realização do presente estudo foi bibliográfica, seguida da leitura de artigos científicos, documentos oficiais a fim de levantar as possíveis dificuldades relacionadas ao ensino de Língua Inglesa, principalmente no âmbito da educação básica num contexto de escola pública. A partir da conclusão e das argumentações obtidas, inferiu-se que, embora existam contextos que sejam propícios à ineficiência de ensino, leva-se em consideração que o docente precisa atuar em constante reflexão e renovação de suas práticas a fim de buscar a eficiência metodológica e linguística, além de desenvolver a formação docente, ao provocar uma ruptura com o método tradicional de ensino, fomentando o desenvolvimento da criticidade, do agenciamento do professor e dos alunos por consequência.

Palavras-chave: Ineficiência do ensino-aprendizagem de Língua Inglesa. Letramentos. Base Nacional Comum Curricular. Metodologias Ativas.

THE INEFFECTIVENESS OF ENGLISH LANGUAGE TEACHING AND LEARNING IN PUBLIC SCHOOLS: A LOOK AT LITERACIES, BNCC AND THE ADOPTION OF ACTIVE METHODOLOGY PRACTICES

ABSTRACT: The main objective of this work is to investigate how the adoption of literacies practices, active methodologies and the principles of the BNCC are in line and how they can provide the achievement of a better efficient model of teaching and learning of the English Language. Considering the existing inefficiencies, ranging from the lack of

¹ Especialista em Docência da Língua Inglesa (UNIFACS)

² Doutor em Literatura e Práticas Sociais (UnB); Doutor em Ciências da Religião (PUCGO); Mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (UERJ).

concrete and well-defined legislative devices, the neglect on the part of students, managers and the external community itself, and the school context itself in general, together they represent factors that also hinder success and the efficiency of such teaching-learning. The methodology used to carry out the present study was bibliographical, followed by the reading of scientific articles, official documents in order to raise the possible difficulties related to the teaching of the English language, mainly in the context of basic education in a public school context. From the conclusion and the arguments obtained, it was inferred that, although there are contexts that are conducive to inefficiency, of teaching, it takes into account the need that the teacher needs to act in constant reflection and renewal of their practices in order to seek methodological and linguistic efficiency, in addition to developing teacher training, by causing a break with the traditional teaching method, fostering the development of criticality, the agency of the teacher and the students, as a result.

Keywords: Inefficiency of English teaching-learning. Literacies. Common National Curriculum Base. Active Methodologies.

1 INTRODUÇÃO

A importância do estudo da Língua Inglesa no âmbito escolar e social é permanente objeto de atenção/discussão entre os estudos e as pesquisas científicas da área. De modo geral, há inúmeros argumentos favoráveis ao aprendizado que estão principalmente associados à cognição, à globalização, ao acentuado estrangeirismo, bem como ao mercado de trabalho face às rápidas mudanças que vêm ocorrendo neste século. De acordo com essa realidade, aprender Inglês implica crescimento e desenvolvimento por parte do ser humano a fim de que possa acompanhar as rápidas mudanças em voga.

A Língua Inglesa hoje viabiliza o alcance a práticas internacionais por facilitar a comunicação com pessoas de diferentes partes do mundo em diversos contextos. Tal ampliação, em âmbito global, fez com que a Língua Inglesa ganhasse o *status* de língua franca (ILF), uma vez que a maior parte das interações em inglês, atualmente, acontece entre falantes não nativos. Sendo assim, a língua franca abriga a variedade linguística e objetiva descentralizar o falante nativo (Viegas, 2016).

Contudo, na prática, no contexto brasileiro, apenas cerca de 5,6% são falantes de

Língua Inglesa. Ademais, o Brasil integra o grupo de países com "proficiência baixa" tendo caído, aliás, da 41^a para a 53^a posição no *ranking* mundial em 2018. Desigualdade, distribuição de renda e problemas na educação são os fatores relacionados. Muitos desejam aprender num curto espaço de tempo, o que se torna inviável, tendo em vista que aprender e alcançar a proficiência no idioma requer tempo, dedicação e esforço. Outra questão é a falta de perspectiva de aplicabilidade da língua.

Este artigo é o resultado de observações através das experiências em sala de aula num âmbito de uma escola não-bilíngue. Tal prática docente levou à reflexão e à conclusão de que existe uma ineficiência no ensino-aprendizagem de Língua Inglesa. Com essa experiência em sala de aula, e através de outras análises, identifiquei que há inúmeras ineficiências no ensino e na aprendizagem desta língua franca, que podem também ser advindas da prática do professor, que muitas vezes não dispõe de mecanismos e de estrutura pedagógica para lecionar, além de pouco conhecimento e compreensão da metodologia e da linguística aplicada ao ensino de línguas, o que acaba refletindo diretamente no seu planejamento.

Ao verificar uma tendência a uma posição passiva e não ativa no contexto de sala de aula, os alunos não estão sendo submetidos a práticas adequadas de leitura, escrita e oralidade da língua, tornando, assim, inviável o seu posicionamento crítico, argumentativo, uma vez que estão mergulhados num contexto onde ocorrem excessos de gramaticalismos e planos de aula teóricos e pouca ou quase nenhuma atuação prática como um cidadão que tenha domínio e repertório linguístico em contextos reais de comunicação.

Ademais, algumas crenças limitantes e bloqueadoras permeiam o estudo de Língua Inglesa nas escolas, como, por exemplo: “Inglês é chato e difícil”; “Não se aprende Inglês na escola”; “Não dá pra aprender Inglês na escola”; “Ninguém sabe nada de Inglês”; “Inglês não serve pra nada”.

Sendo assim, o enfoque central do trabalho é verificar de que maneira a adoção dos princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), bem como das Metodologias Ativas e dos Letramentos podem favorecer o ensino de Língua Inglesa e como o papel do professor e do aluno pode facilitar o alcance da eficiência do ensino-aprendizagem.

Possui relevância social, à medida que busca refletir acerca das ineficiências e da adoção de diferentes práticas (o que dispõem as diretrizes da BNCC somado às contribuições das Metodologias Ativas) a fim de que o professor proponha atividades eficientes baseadas em tais preceitos e que o aluno atue como componente ativo e protagonista nesse processo para que a eficiência do ensino-aprendizagem seja alcançada.

Logo, surgem algumas questões norteadoras que problematizam e que estão no entorno deste tema: Por quais razões o ensino-aprendizagem de Língua Inglesa podem ser, num âmbito geral, ineficiente? Como deve ser o planejamento de aulas do professor tendo em vista as ineficiências? O docente considera em sua prática diária a aplicação dos preceitos da linguística aplicada ao ensino de línguas? Como os letramentos, metodologias ativas e os dispositivos da BNCC podem favorecer uma melhor condução de práticas sociais efetivas e eficientes do uso da língua falada, lida e escrita em contextos reais de comunicação? O que esses três temas têm em comum?

A relevância social deste estudo reside na busca pela reflexão acerca dos âmbitos de ineficiências existentes e da adoção de diferentes práticas (o que dispõem as diretrizes da BNCC), somado às contribuições das Metodologias Ativas, mais os Letramentos, a fim de que o professor proponha atividades fundamentadas em tais preceitos, em que o educando atue como componente ativo e protagonista nesse processo visando ao alcance da eficiência do ensino-aprendizagem.

2 O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NAS ESCOLAS PÚBLICAS

A abordagem desta seção está concentrada na análise do relatório intitulado “*O Ensino de Inglês na Educação Pública Brasileira*” elaborado com exclusividade para o *British Council* pelo Instituto de Pesquisas Plano CDE, 1ª edição, 2015.

Em consonância com o relatório “*O Ensino de Inglês na Educação Pública Brasileira*”, elaborado para *British Council* em 2015, resultado de um estudo que objetivou traçar uma descrição da situação do ensino da Língua Inglesa no Brasil, algumas razões de ordem estrutural foram abordadas, tais como violência, vulnerabilidade social, baixa formação e qualificação dos professores, baixos salários, carga horária para a disciplina insuficiente, material didático inadequado, superlotação das salas de aula, alunos com problemas de leitura e escrita, desvalorização e descaso com o ensino da Língua Inglesa, entre outros.

Inicialmente, o relatório supramencionado salienta a respeito da inexistência de uma diretriz ou lei que estabeleça a obrigatoriedade do ensino de inglês na esfera federal. A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) delibera o ensino de ao menos uma língua estrangeira no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio, contudo, a definição de qual língua será ensinada fica sob a responsabilidade da Secretaria Estadual ou Municipal de ensino ou da comunidade. Assim sendo, a Língua Inglesa não é ofertada em muitas escolas a seus alunos, o que contribui para uma baixa proficiência dos mesmos.

Outra exemplificação similar nesse sentido diz respeito à inclusão da língua estrangeira na parte diversificada da Base Nacional Comum Curricular. Isso implica que seu ensino deve ser ajustado de acordo com o contexto regional, além disso, o critério de admissão é opcional – pode-se optar por não oferecer a Língua Inglesa, e sim outras línguas. Nesse contexto, o ensino de Inglês ocupa um papel secundário na grade curricular quando é ofertado, possuindo uma carga horária menor em comparação à de outras

disciplinas.

Ainda conforme o relatório, as características do sistema de ensino público refletem no âmbito do ensino do Inglês. A alta vulnerabilidade social, em que há violência dentro e fora do ambiente escolar, o excesso de alunos nas salas de aula, o que difere de um curso de Inglês, turmas com níveis diferentes, falta de materiais didáticos, alunos com problemas básicos de leitura e escrita e a existência de funcionários com contratos de trabalho precários e insatisfação com seus salários são problemas enfrentados não apenas com o ensino de Inglês, mas sim de modo geral.

Gehres e Marzari (2014) comentam que os alunos ficam comprometidos com a carga horária reduzida atribuída ao ensino do idioma, com a ausência de espaços de interação fora dos contextos formais de ensino. Elas ainda destacam que essas dificuldades comprometem a eficiência da aprendizagem da língua estrangeira, bem como contribuem para que exista um desleixamento em relação ao ensino da disciplina, uma vez que é deslocada da realidade imediata e dos verdadeiros interesses do aluno, principalmente no contexto da escola pública, não apenas por parte dos alunos, mas também por parte da comunidade geral.

3 OS LETRAMENTOS E AS METODOLOGIAS ATIVAS: UM OLHAR PARA O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Com o advento da globalização, as sociedades atravessam diversas transformações graças ao avanço da ciência e da tecnologia. Santos (2017), em seus estudos acerca do Letramento Multicultural, conforme uma aprendizagem que se estabelece no cotidiano, salienta que no âmbito da educação, diversas mudanças de paradigmas e quebra de modelos tradicionais vêm sendo discutidos e evidenciados, visto que esses modelos estão

esgotados e não possuem eficiência e eficácia no longo prazo. Ademais, nem mesmo terão sustentação, pois não acompanham as mudanças tão intensas que a sociedade contemporânea atravessa.

Santos (2017) ressalta sobre a necessidade de se pensar numa nova educação de acordo com um contexto contemporâneo que possibilite novas maneiras de planejar, estruturar, avaliar e acompanhar, em prol de um desenvolvimento educacional do aluno. Visa-se assim, a uma diferente atuação educativa que enseje a constante oportunidade de criação com ênfase nos sujeitos individuais que elaborem seus próprios significados.

Ensinar uma Língua Estrangeira (LE) na Educação Básica tem como uma das suas premissas a contribuição para uma experiência particular do estudante com o objetivo de construir significado dominando uma base discursiva (Brasil, 1998), que pode ser fomentado através das atividades de leitura e escrita que possibilitem sua formação como cidadão inserido em práticas sociais variadas (Schlatter, 2009).

Em linhas gerais, no que concerne ao ensino de Língua Inglesa no Brasil, no âmbito público, não apresenta práticas pedagógicas em que o uso da língua é feito de forma efetiva e situado no contexto cotidiano do educando, nem mesmo oportunizam compreendê-la e praticá-la em contextos reais de comunicação. Os estudos estão centrados na gramática e na compreensão da estrutura sistêmica da língua. Ainda que contribua na aprendizagem de LE e na interpretação textual, pouco viabiliza as práticas sociais a fim de estimular competências discursivas e críticas necessárias à sociedade global (CORADIM, 2007).

Nessa perspectiva, e com o objetivo de contribuir com a mudança dessa realidade, surgem os letramentos críticos, uma vez que eles podem desempenhar um papel relevante nesse processo e também nos cursos de formação docente, ao provocar uma ruptura com o método tradicional de ensino, fomentando o desenvolvimento da criticidade, do agenciamento do professor e dos alunos por consequência (Kleiman, 2008). Sendo assim, a

função desempenhada pelos letramentos críticos e seu uso como ferramenta docente contribuem para a sua formação e a dos alunos face às mudanças na educação contemporânea (Merlo; Ferraz, 2016).

Dessa maneira, as práticas pedagógicas ganham um novo direcionamento no âmbito educacional, dando ênfase à linguagem como interação, em que põe o aluno simultaneamente como ator da linguagem e da aprendizagem, sendo o centro da prática pedagógica e do processo comunicativo em sala de aula.

Nessa contextualização supracitada, em que o aluno é evidenciado como agente principal, as metodologias ativas coadunam-se. Isso implica fomentar novas práticas pedagógicas, a autoaprendizagem e a curiosidade por parte dos alunos. Esses são protagonistas e sujeitos de tal construção. Conforme o excerto a seguir:

[...] atitudes como oportunizar a escuta aos estudantes, valorizar suas opiniões, exercitar a empatia, responder aos questionamentos, encorajá-los, dentre outras, são favorecedoras da motivação (BERBEL, 2011) e da criação de um ambiente favorável à aprendizagem (Diesel; Baldez; Martins, 2017, p. 270).

É importante também ressaltar uma postura ética que o docente precisa apresentar, repensando e refletindo a respeito dessas questões e, sobretudo no que tange à sua atuação, tendo em vista que, em linhas gerais, os estudantes não têm as habilidades básicas (ouvir, falar, ler e escrever) bem definidas. Portanto, é necessário adotar uma postura ética perante essa realidade a fim de amenizá-la ou revertê-la.

Em consonância com o que as novas práticas pedagógicas sugerem face à contemporaneidade, e as deficiências e ineficiências no ensino-aprendizagem de Língua Inglesa, este estudo considera práticas escolares que não levem em consideração conhecimento, vivências, análise, ponderação e formulação de opiniões por parte dos estudantes, submetem estes a uma atuação passiva ao invés de ativa. Essas práticas são

exemplificadas e evidenciadas no ensino de LE como um objeto de análise marcado apenas por conteúdos escolarizados que são ensinados de forma mecânica (KLEIMAN, 1989). A preocupação com formação inicial e continuada dos professores de línguas também é levada em conta, a exemplo da observação de Kleiman (2008).

Nessa perspectiva, os fundamentos do letramento também propõem a ruptura de um modelo tradicional e com o conceito liberal de letramento (sinônimo de autônomo) conforme salienta Duboc (2015). Nesse sentido, Street (2014) discorre acerca de dois tipos de letramento: o autônomo e o ideológico. O letramento autônomo compreende-se num conjunto de habilidades isoladas do contexto ideológico, histórico e cultural do qual o sujeito faz parte. Já o letramento ideológico entende-se por práticas de letramento como práticas sociais, concretas, contextualizadas de forma significativa na vida do indivíduo, situadas em um determinado contexto sociocultural afetando diretamente a produção de sentidos do sujeito (Santos, 2013; Kleiman, 2008; Duboc, 2015).

No âmbito da Linguística Aplicada, há um desejo de compreender as motivações sobre como funciona o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira. Dentro desse contexto e dessa necessidade, existem diversas nomeações que estão associadas, como, por exemplo: letramentos, novos letramentos, multiletramentos, letramentos críticos e assim por diante. Os chamados novos letramentos foram ampliados por Lankshear e Knobel (2003) a partir da compreensão de que a linguagem, numa versão tradicional, não mais possibilita a construção de sentido da mensagem construída multimodalmente (Monte Mór, 2012).

Ademais, há ainda outro aspecto relevante acerca das teorias linguísticas, pois deve levar em conta aspectos éticos e políticos e desconsiderar o mito existente acerca da neutralidade de um linguista (Tagata, 2017). É necessária uma reflexão crítica a respeito das condições e do contexto de como se dá a estruturação e a formação do conhecimento,

considerando o aspecto ético das práticas teóricas (Rajagopalan, 2013). Nesse sentido, concebe-se uma relação entre letramento crítico e ensino de línguas à medida que a linguagem maximize seu caráter social, considerando a possibilidade de apropriação e transformação da mesma. Logo, “o letramento crítico objetiva conscientizar o aluno de seu papel ativo na construção e reconstrução de sentidos, de modo que eles reflitam seus propósitos e perspectivas” (Tagata, 2017, p. 388).

As discussões acerca dos letramentos críticos foram originados com base no estudo da pedagogia crítica de Paulo Freire em torno de 1970. Conforme apontam Duboc (2015) e Freire (2015), isso reflete de forma mais profunda sobre as motivações e a relevância dos ensinamentos para os aprendizes. Nesse embalo, conforme Merlo e Ferraz (2016), uma busca pedagógica possui relevância, uma vez que pode contribuir em reflexões que podem culminar em um ensino de línguas mais coerente com a situação do educando.

Ademais, letramento, quando compreendido como práticas sociais, diz respeito também “a formas de ser, falar, ouvir, escrever, ler, interagir, acreditar, valorizar, sentir, usar recursos, ferramentas, tecnologias capazes de ativar identidades relevantes num dado contexto” (Fischer; Pelandré, 2010, p. 575).

Alguns autores, a exemplo de Abreu (2009), Berbel (2011), Freire (2015), coincidem o uso da abordagem das Metodologias Ativas buscando contrariar os métodos tradicionais, tendo em vista o pensamento autônomo e a construção do próprio conhecimento. O aluno possui uma atuação centralizada e uma participação mais efetiva, uma vez que ele passa a desenvolver leitura, pesquisa, comparação, observação, imaginação, elaboração, interpretação, crítica, projetos, tomadas de decisões, entre outros (Souza; Iglesias; Pazin-Filho, 2014).

4 METODOLOGIAS ATIVAS, BNCC E ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Quando pensamos em aprender um novo idioma, pressupõe-se também o falar, desenvolver uma oralidade, argumentar com capacidade crítica. Essa perspectiva também está associada com os Letramentos, com as Metodologias Ativas e com o que dispõe a BNCC para a educação de modo geral e para o desenvolvimento da linguagem. Ao adotar metodologias, métodos e técnicas que possibilitem ao aluno colocar em prática tal habilidade, a fazer questionamentos a si mesmo, criticar e explicar aos outros, demonstrar, debater, já encontramos nessas situações o aprendizado de forma mais concreta, ativa e, sobretudo, eficiente.

Dentro do contexto de sala de aula, numa educação básica, por exemplo, os alunos criticam a dinâmica dos exercícios que envolvem a habilidade escrita e auditiva. Julgam os primeiros como algo que não dá vazão à imaginação, à criatividade. Já o segundo tipo de exercício não provoca a formação do senso crítico, com objetivos comuns, o que ocasiona a falta de motivação (Corchs, 2006).

Do documento que orienta as instituições de ensino de todo o país, a BNCC, depreende-se os aprendizados mínimos que o aluno deve obter durante o seu caminho escolar. São fornecidas importantes contribuições para o ensino da Língua Inglesa e como deve ser orientado, levando em consideração todas as competências específicas, tais como a inserção do sujeito no mundo globalizado, no mundo do trabalho, a atenção dada ao comunicar-se em Língua Inglesa fazendo o uso da tecnologia, das variadas mídias, sejam elas impressas ou digitais, como objeto de ampliação do conhecimento e como ferramenta de expansão e reconhecimento cultural.

Defende-se ainda a elaboração de novas formas de engajamento e atuação dos alunos em um contexto social plural e cada vez mais globalizado. Estudar Língua Inglesa pode contribuir para a formação crítica dos estudantes, bem como para o exercício ativo da

cidadania, expandindo as possibilidades de interação com outras culturas, mobilidade e continuidade dos estudos. O aprendizado do idioma acontece de forma natural, assim como ocorre a aquisição da língua materna, nesse caso, o português. Dispõe, também, de cinco eixos, a saber: 1) Eixo Oralidade; 2) Eixo Leitura; 3) Eixo Escrita; 4) Eixo Conhecimento Linguístico; 5) Eixo Dimensão Intercultural. Em linhas gerais, de acordo com a BNCC (2017, p. 243-245).

Em defesa das Metodologias Ativas, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 2017, cita:

[...] No novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades.

[...] a BNCC propõe a superação da fragmentação radicalmente disciplinar do conhecimento, o estímulo à sua aplicação na vida real, a importância do contexto para dar sentido ao que se aprende e o protagonismo do estudante em sua aprendizagem e na construção de seu projeto de vida (Brasil, 2017, p. 13-14).

Nessa lógica, os Letramentos também casam com ambos os dispositivos orientativos (o que prevê a BNCC e a adoção de Metodologias Ativas) com uma elaboração de sentidos e atuação prática, pois: “não se limita apenas à simples decodificação de palavras ou interpretação dos símbolos; ou seja, requer sua interpretação acerca do que está escrito nas linhas e nas entrelinhas para se inferir sentido” (Santos, 2017, p. 3-4).

Considerando um contexto de ineficiência como já foi abordado, seja pela situação

de falta de preparo dos professores, o contexto da escola pública, o descaso pelos gestores, bem como pela comunidade escolar, podemos levantar os seguintes questionamentos: como alcançar a eficiência no ensino-aprendizagem de Língua Inglesa? Quais as variáveis que estão envolvidas? O professor desta disciplina tem preparo e suporte pedagógico? Tal preparo é relevante? Como é o seu plano de aula?

Um caminho possível para o alcance de um modelo mais eficiente deve perpassar pela análise dessas práticas de Metodologias Ativas, pela formulação de um plano de aula que atenda às quatro habilidades da Língua Inglesa (*Listening, Speaking, Reading, Writing*), que exponha o aluno a atuar como componente ativo e protagonista. Ademais, identificar as motivações dos estudantes para aprender Inglês, se eles não possuem, assim, dar bons motivos plausíveis para que isso aconteça.

Para que seja factível a adoção de tais práticas, deve-se distanciar de aulas excessivamente expositivas, em que a gramática, a leitura e a escrita sejam postas em evidência. Na verdade, estas práticas devem ser o caminho secundário, o caminho a ser seguido deve ser prioritariamente pela busca de expor o aluno a seu protagonismo, na qual ele é componente principal no processo de aprendizagem.

A atuação do professor, juntamente com o seu plano de aula, devem seguir os requisitos das metodologias de ensino, o cumprimento de um plano de aula que atenda às quatro habilidades da Linguística Aplicada ao ensino de Língua Inglesa e devem estar direcionados à exposição do aluno a fala, a elaboração de questionamentos, bem como a atuação e interpretação de situações reais de aprendizagem, ou seja, pôr o mesmo em constante atividade a fim de que a eficiência do ensino-aprendizagem seja alcançada.

Nessa lógica, é necessária a criação de subsídios para que as funções comunicativas básicas sejam desenvolvidas e efetivadas. O que dispõe a BNCC, juntamente com a proposta das Metodologias Ativas e a pirâmide de aprendizagem podem dar orientações.

Destaca-se, também, a importância do papel ético do professor à medida que não deve aceitar as ineficiências. É preciso superar o fato de que os estudantes não sejam comunicadores eficientes e ativos. Além disso, outras competências pedagógicas também devem ser postas no cômputo, tais como: 1) manter a disciplina; 2) saber diferenciar autoridade x autoritarismo; 3) autoconhecimento e competências socioemocionais. Estes fatores podem auxiliar a atuação do professor, de modo que esses mecanismos atuem conjuntamente a fim de controlar a classe, estabelecer a disciplina e fomentar a motivação. Assim, o professor pode ser um ator e líder para garantir práticas educacionais efetivas no longo prazo.

5 EFICIÊNCIA X INEFICIÊNCIA NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS

A atuação de um professor em sala de aula não é diferente de uma prática administrativa, uma vez que ele planeja, organiza, direciona e controla suas ações dentro de um contexto de sala de aula. Assim, é necessário definir o que vem a ser a “eficiência” com base num conceito administrativo, analisando sob uma perspectiva de gestão de sala de aula.

Ao observarmos o termo ineficiência que consta no título deste artigo, devemos depreender uma prática administrativa supramencionada. Não podemos dissociar a compreensão do termo eficiência sem diferenciá-lo da eficácia, contudo, vamos concentrar nossa análise no termo eficiência.

Logo, pressupondo a atuação do professor no contexto de sala de aula, como também uma prática administrativa que deve buscar planejamento, organização, direção, controle, a fim de que ensino e aprendizagem sejam alcançados de forma eficiente e eficaz.

Vamos considerar que as questões de vulnerabilidade social, violência interna e

externa ao ambiente escolar, o descaso por parte dos estudantes e da comunidade geral como variáveis que devem ser olhadas com atenção, mas que são de difícil controle sob o ponto de vista da eficiência, ou seja, conforme bem pontuado por Chiavenato (2004), é a “ênfase nos meios”, o “fazer corretamente as coisas”, “salvaguardar os recursos” e “treinar os subordinados”. Estas variáveis estão e podem estar dentro do escopo de controle por parte dos docentes à medida que estes devem constantemente pensar e repensar suas práticas, atuar em formação contínua constante, motivar, alegrar os discentes e suscitar um desejo de aprender a Língua Inglesa como aspecto importante para a sua formação cidadã, intelectual e sociocultural.

Contrariamente, quando pensamos em violência e no descompromisso por parte dos gestores e outros atuantes, isso possui uma magnitude muito maior e que são de difícil controle para eficiência, uma vez que são fatores externos e representam uma realidade geral, sentimentos, crenças, que por vezes fogem do escopo do controle.

Nessa lógica, podemos estabelecer aquilo que está dentro do controle dos docentes e o que não está. É importante ressaltar a eficiência aqui em termos práticos. Vamos evidenciar aqui a nossa análise para a falta de formação acadêmica adequada dos professores e a de recursos didáticos como variáveis que podem ser analisadas dentro de um controle de eficiência.

Já sabemos que os recursos didáticos não são suficientes e nem eficientes. O que o professor pode fazer na ausência deles? Como deve ser seu planejamento? Para responder esses questionamentos, fundamentar sua prática nos preceitos da BNCC para o ensino de Língua Inglesa é uma das alternativas em prol de um sistema mais eficiente.

Diante da falta de preparo de alguns docentes, a ineficiência do ensino-aprendizagem existe, pois a metodologia adequada por vezes não está sendo seguida. É necessário superar o fato de que os discentes não aprendem nada, ou aprendem muito

pouco, ou que não tenham minimamente as habilidades básicas bem definidas, fugindo dos excessos de gramaticalismos, e de planos de aula extremamente teóricos, que não oportunizam os estudantes a colocarem em prática as principais habilidades da língua. É preciso adotar uma postura ética perante essa realidade.

Nessa perspectiva, o professor precisa atuar cada vez mais motivando seus estudantes, pois Leffa (2007) argumenta que quando os alunos se queixam de que não gostam de Inglês, colocando resistências e pondo em xeque a sua utilidade, a escola não pode deixar que isso aconteça, pois precisa que o aluno que é economicamente desfavorecido sonhe, acredite em seu potencial, aprenda. Logo, a escola precisa evitar que isso aconteça, e não reforçar as crenças limitantes e bloqueadoras dos alunos, possibilitando, assim, a construção do conhecimento, da emancipação do aluno, sua inclusão em relação à língua estrangeira.

Marzari e Gehres (2015) destacam também que no contexto de ensino de línguas estrangeiras na educação básica, há o sentimento de impotência que os professores têm por não se considerarem aptos ou qualificados suficientemente para ensinar determinado idioma. Ademais, existe uma escassez de docentes com formação específica e adequada, sem contar na existência de professores de diferentes disciplinas dando aulas de Língua Inglesa. Nesse sentido, não desenvolveram as habilidades necessárias e a competência conforme os procedimentos metodológicos para lecionarem tal disciplina.

Para Abreu (2009), a vergonha, a falta de segurança e de confiança que o aluno tem para falar diante dos demais colegas e do professor constitui-se uma das principais dificuldades no que tange ao ensino de línguas estrangeiras. Diante dessa situação, o aluno faz o uso do português e acaba impulsionando o professor também a fazer isso. Essa resistência culmina no não alcance satisfatório dos objetivos da disciplina, e todo esse sentimento de insegurança torna a aprendizagem de Língua Inglesa um sonho utópico na

educação básica.

Segundo Vilaça (2010), o professor deve atuar em defesa da sua disciplina, mostrando para todo o âmbito educacional a importância e a grandiosidade de um estudo significativo. Para alcançar tal feito, o professor precisa desmistificar ideias e modificar posicionamentos relativos à disciplina, muitas vezes prejudiciais ao processo de ensino e aprendizagem.

Para Gimenez (2011), os professores devem pensar além da sala de aula quando estão lecionando Língua Inglesa, explorando seu uso fora do âmbito escolar, pensando na mediação entre pessoas de outras culturas.

Leffa (2011, p. 31) aponta três ações possíveis para solucionar os problemas de ensino: 1) “(...) criar uma parceria entre professor e alunos, formando uma comunidade entre eles no ambiente da sala de aula; 2) estabelecer os objetivos que os alunos almejam; 3) buscar meios necessários para alcançar esses objetivos de cada indivíduo”. A relação estabelecida deve ser de cumplicidade entre aluno e educandos, englobando os interesses de ambos para o alcance de *outputs* positivos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É ainda pequeno o número de falantes eficientes em Língua Inglesa no Brasil. Os resultados obtidos a partir do que foi exposto neste artigo permitem inferir que no âmbito da educação básica, as características do sistema de ensino público no que diz respeito ao ensino de Língua Inglesa englobam variáveis tais como a alta vulnerabilidade social, violência dentro e fora do contexto escolar, salas de aula lotadas, falta de material didático e despreparo dos professores no que diz respeito à baixa formação, formação inadequada, salários e carga horária insuficiente, descaso e falta de motivação por parte dos alunos e

da comunidade geral – boa parte dessa realidade, além de refletir no âmbito do ensino de Língua Inglesa, também acomete a educação básica de modo geral.

A atuação do professor é comparada com a de uma prática administrativa que deve buscar planejar, organizar, controlar e dirigir suas atividades de modo a alcançar a eficiência.

BNCC, Metodologias Ativas e Letramentos são temáticas que estão intrinsecamente associadas e verificar o que esses dispositivos dispõem, fornece importantes contribuições em prol de um sistema mais eficiente. Direcionar o olhar para suas contribuições pode possibilitar a elaboração de estratégias e ferramentas para a compreensão das ineficiências do ensino e promover o protagonismo do aluno com o cumprimento de um plano de aula.

Além disso, nessa perspectiva, este artigo não pretende esgotar os estudos. Pretende-se aqui suscitar o desejo de aprofundar e identificar a relação e a contribuição que as Metodologias Ativas, as diretrizes da BNCC, e como os estudos na área de letramentos e de Linguística Aplicada podem fornecer contribuições e, conseqüentemente, o alcance do que venha a ser um modelo de um sistema mais eficiente do ensino-aprendizagem de Língua Inglesa.

REFERÊNCIAS

ABREU, José Ricardo Pinto de. **Contexto Atual do Ensino Médico: Metodologias Tradicionais e Ativas- Necessidades Pedagógicas dos Professores e da Estrutura das Escolas**. 2011. 105f. Dissertação. (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

ABREU, J. Dificuldades encontradas por professores de língua inglesa de instituições privadas de ensino superior. **Revista Semioses**, Rio de Janeiro. v. 1, n. 05, 2009. Disponível em: http://www.unisuam.edu.br/semioses/pdf/rev_semioses_ed5_Art_06.pdf, Acesso em: 24 maio 2022.

BERBEL, Neusi. As metodologias ativas e a promoção da autonomia dos estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília: DF, 2017.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COUNCIL, British. **O ensino de inglês na educação pública brasileira**: elaborado com exclusividade para o British Council pelo Instituto de Pesquisas Plano CDE. São Paulo: British Council, 2015.

CORADIM, Josimayre Novelli. **Leitura crítica em língua inglesa**. 2007. 53f. Monografia (Especialização em Ensino de Línguas Estrangeiras). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

CORCHS, Margaret. **O uso de textos literários no ensino de língua inglesa**. 2006. 97f. Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2006.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à Teoria Geral da Administração Compact**. Rio de Janeiro: Elsevier Brasil, 2004.

DIESEL, Aline; BALDEZ, Alda Leila Santos; MARTINS, Silvana Neumann. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Thema**, v. 14, n. 1, p. 268-288, 2017.

DUBOC, Ana Paula M. **Atitude curricular**: letramentos críticos nas brechas da sala de aula de línguas estrangeiras. São Paulo: Paco Editorial, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 51. ed. São Paulo: Paz e terra, 2015.

FISCHER, A.; PELANDRÉ, L. N. Letramento acadêmico e a construção de sentidos nas leituras de um gênero. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 28, p. 569-599, 2010.

GIMENEZ, T. Narrativa 14: Permanências e rupturas no ensino de inglês em contexto brasileiro. *In*: LIMA, D. C. de. **Inglês em escolas públicas não funciona?** Uma questão, múltiplos olhares. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 47-54.

KLEIMAN, Angela B. A. Oficina de leitura: teoria & prática. Campinas: Pontes. 2004. *In*: KLEIMAN, Angela B. **Texto e Leitor**: Aspectos Cognitivos da Leitura. Campinas: Pontes, 1989.

KLEIMAN, Angela B. Os estudos de letramento e a formação do professor de língua materna. **Linguagem em (Dis) curso**, v. 8, n. 3, p. 487-517, 2008.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. **New literacies**: Changing knowledge and classroom learning. London: Open University Press, 2003.

LEFFA, V. J. Criação de bodes, carnavalização e cumplicidade. *In*: LIMA, D. C. de (org.).

Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 15-31.

MARZARI, Gabriela Quatrin; GEHRES, Wilma Beatriz. Ensino de Inglês na escola pública e suas possíveis dificuldades. **Thaumazein: Revista Online de Filosofia**, v. 7, n. 14, p. 12-19, 2014.

MÓR, Walkyria Monte. Investigating critical literacy at the university in Brazil. **Critical Literacy: theories and practices**, 2007.

MERLO, M. C. R. ; FERRAZ, D. M. Letramentos e formação docente para o ensino de inglês. In: TOMAZI, Micheline Mattedi; ROCHA, Lúcia Helena Peryoton da; FERRAZ, Daniel de Mello. (org.). **Estudos linguísticos: descrição, texto, discurso e ensino**. Vitória: Editora do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, 2016. v. 1. p. 265-278.

PAIVA, V. L. M. O. A identidade do professor de inglês. **Apliemge: ensino e pesquisa**. Uberlândia: APLIEMGE/FAPEMIG, n. 1, p. 9-17, 1997.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola, 2013.

SANTOS, Sheila Rodrigues dos. Letramento multicultural: uma aprendizagem tecida no cotidiano. **Grau Zero**, v. 3, n. 2, p. 161-176, 2017.

SCHLATTER, Margarete. O ensino de leitura em língua estrangeira na escola: uma proposta de letramento. **Calidoscópico**, v. 7, n. 1, p. 11-23, 2009.

SOUZA, Cacilda da Silva; IGLESIAS, Alessandro Giralde; PAZIN-FILHO, Antonio. Estratégias inovadoras para métodos de ensino tradicionais – aspectos gerais. **Medicina**, v. 47, n. 3, p. 284-292, 2014.

STREET, Brian. V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TAGATA, William Mineo. Letramento crítico, ética e ensino de língua inglesa no século XXI: por um diálogo entre culturas. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 17, n. 3, p. 379-403, 2017.

VIÉGAS, Maiara Rosa. **O inglês como língua franca e a publicação acadêmica: uma análise de diretrizes para autores de periódicos internacionais**. 2016. 155f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem – Linguística Aplicada), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, 2016.

VILAÇA, M. L. C. Aprendizagem de língua inglesa: das dificuldades à autonomia. Inglês nas escolas regulares brasileiras: adequações metodológicas para a eficácia do ensino e aprendizagem. Rio de Janeiro, **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, v. IX, Número XXXIII, p. 42-53, abr./jun. 2010.